



## A ÁFRICA EM CARICATURAS: A QUESTÃO COLONIAL NA IMPRENSA SATÍRICA ILUSTRADA DA PRIMEIRA REPÚBLICA PORTUGUESA

DIEGO SCHIBELINSKI\*

### *Introdução*

Através de novas abordagens historiográficas, preocupadas em lançar um olhar atento às imagens produzidas em contexto colonial e lê-las de maneira crítica, nos últimos anos alguns pesquisadores e pesquisadoras têm revisitado as experiências coloniais de países como a Inglaterra, França, Alemanha, Portugal e Bélgica por meio de novas fontes e aberto diferentes campos de debate acerca da história do colonialismo. Aspectos muitas vezes ignorados nas pesquisas que tinham como base documentação escrita passaram então a chamar atenção e a revelar informações antes negligenciadas.

Um extenso universo de representações iconográficas referentes aos impérios coloniais que imanaram das metrópoles adentrando as colônias e vice-versa – tal como revistas ilustradas, jornais, relatos de exploração e viagem, livros, álbuns fotográficos, selos, cartões postais, gravuras, embalagens de produtos, cartazes e outros materiais de divulgação relacionados às colônias – passaram a servir como meios para a investigação das formas pelas quais estes impérios se construíram, foram concebidos e (re)tradados nesta tradição colonialista (MARTINS, 2014).

Essa multiplicidade de imagens se apresentou como parte constitutiva da textura histórica colonial, formando aquilo que pode ser chamado de *arquivos visuais coloniais* (STEINMETZ; HELL, 2006). Estes “arquivos” teriam influenciado, de forma não marginal, as leituras e representações ocidentais acerca dos povos e regiões colocados sobre dominação em África, nos oferecendo imagens referentes aos espaços ou instâncias do poder colonial nestas regiões: tais como das formas de controle e domínio da natureza e o conhecimento sobre os viventes daquelas regiões (ZAUGG, 2012; SCHVEITZER, 2016).

No caso da experiência colonial portuguesa, a partir da década de 1870 após um período de grande expansão da imprensa e, principalmente, das linhas editoriais ilustradas, o que se observa é um forte aumento na presença de imagens sobre o continente africano, ou sobre as discussões políticas que envolviam as colônias. A imprensa de forma geral passa a ser utilizada como “instrumento” de *divulgação* e *produção* do império lusitano. Assim,

---

\* Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrando do programa de pós-graduação em história cultural. Atualmente é bolsista do CNPq. E-mail: whisllety@outlook.com.

encarada como uma espécie de missão, a publicações de imagens de temática colonial na imprensa periódica revestia-se, pois, de uma intenção pedagógica, que, sublinhe-se, não pode ser dissociada de uma motivação ideológica que visava à criação de laços entre a população metropolitana e os territórios ultramarinos; no fundo, fazê-la sentir que, apesar da enorme distância física que os separava, aqueles eram territórios que faziam parte da nação portuguesa e que simbolizavam a essência da sua identidade histórica e coletiva – descobrir, colonizar, civilizar. Perdê-los significava amputar essa identidade; desconhecê-los era viver sem um ideal mobilizador e a grandeza de espírito das grandes nações (MARTINS, 2014: 150).

Na década seguinte, durante os anos de 1880, processos de expansão colonial se desenvolveram paralelamente em diversas outras nações europeias (ALEXANDRE 1993). Envolvidos em uma verdadeira “corrida pela África”, os portugueses viram o apreço pela temática colonial se fazer cada vez presente na imprensa, caindo nas graças dos principais caricaturistas e chegando aos mais importantes periódicos da imprensa satírica daquele período (CORREA, 2015). Um já consagrado e valorizado espaço de debate político da imprensa portuguesa que tradicionalmente usava a comédia, o humor e a caricatura como mecanismos de exposição e crítica em uma sociedade que, no virar de século, ainda era 80% composta por analfabetos.

Consciente do conceito de *arquivo visual colonial* apresentado acima e do papel central que a imprensa assumiu no processo de criação e disseminação do império colonial português; bem como da importância das caricaturas na cena política da virada de século e do fato de que a temática colonial esteve presente nos principais títulos deste setor da imprensa; esta comunicação tem como objetivo apontar para a recorrente presença da temática colonial nas caricaturas publicadas pela imprensa satírica ilustrada portuguesa durante o período da Primeira República daquele país.

Para isso, foram analisados periódicos satíricos ilustrados publicados em Portugal entre os anos de 1909 e 1927 (um ano anterior ao início e um ano após o término da primeira república) atualmente disponíveis no acervo da Hemeroteca Digital de Lisboa. Após uma análise cuidadosa destes títulos, obteve-se um grupo de 52 caricaturas, advindas de cinco jornais diferentes – *O Xuão, O Zé, O Thalassa, Papagaio Real, O Século Cômico* – onde a questão colonial era abordada direta ou diretamente. Depois de formada a amostra, cada uma das 52 caricaturas foi analisada de forma individual e ao longo de três etapas. Na primeira foram identificados os dados referentes à *materialidade do* suporte, na segunda, o objetivo era identificar a estrutura narrativa e visual das caricaturas, na última etapa, foram produzidos

pequenos resumos que descreviam as narrativas apresentadas pelas caricaturas, inserindo-as em seus contextos de produção, elucidando referências políticas, sociais e culturais que foram identificadas nas imagens.

### *A questão colonial nas caricaturas*

O momento político vivido durante a primeira década do século XX em Portugal foi tido como um dos mais conturbados da história política do país. O final da monarquia tal como o início do regime republicano, transformaram a política portuguesa em um agitado e confuso campo de batalha o qual a imprensa satírica teve o cuidado de narrar cuidadosamente. Este instável cenário acabou por desencadear um processo onde a caricatura política assumiu importante papel dentro do imaginário político português.

Apesar de a Monarquia constitucional portuguesa ter chegado ao seu fim em 1910, os ideais republicanos, no entanto, começaram a ganhar considerável força ainda nos últimos anos do século XIX. Período em que a influência dos partidos monarquistas dentro do parlamento vinha se erodindo pouco a pouco (WHEELER, 1978). Contudo, foi a partir dos primeiros anos do século XX que começaram a se destacar na imprensa portuguesa, periódicos declaradamente republicanos que, além de compartilharem dos principais elementos desta corrente política, alinhavam-se muitas vezes a um nacionalismo que, desde finais do século anterior, vinha se transformando. Um exemplo deste tipo de publicação foi *O Xuão*, primeiro jornal satírico humorístico a ser aqui analisado.

O semanário de caricaturas *O Xuão* foi lançado em Lisboa, em fevereiro de 1908, logo após o assassinato de D. Carlos. Seu diretor e proprietário era Estevão Carvalho. Contava ainda com a colaboração de Júlio Dumont (Orlando), como secretário da redação, e Ricardo de Sousa, como administrador. Seu principal colaborador artístico foi, de longe, Silva e Souza, que se encarregou de quase todas as caricaturas publicadas no jornal. O projeto editorial, publicado em sua edição de número um, identificava-o como uma folha semanária de caricaturas assumidamente republicana e anticlerical; sendo seu objetivo o de realizar uma crítica política dos governos monárquicos. Crítica esta que se fazia de duas formas: através da imagem, por meio do uso da caricatura política, e da escrita, através do texto humorístico (MATOS, 2013).

A estrutura gráfica d’*O Xuão* seguiu a mesma ao longo de sua duração. Ao todo eram oito páginas, das quais quatro – a primeira, as centrais e a última – eram dedicadas inteiramente à ilustração, sempre colorida. Nas outras quatro páginas organizavam-se seções e *gazetilhas*, em preto e branco, contendo esporadicamente algumas fotografias ou desenhos. A partir de seu segundo ano de existência o jornal passou por algumas melhorias gráficas, principalmente na primeira página, ganhando um cabeçalho mais elaborado.

As melhorias gráficas se mantiveram até o fim da publicação, o que pode indicar que *O Xuão* obteve êxito no mercado editorial humorístico da época, conquistando uma vendagem capaz de prover sua existência e aperfeiçoamento. A partir de 1909 a última página passou a alojar, além da costumeira caricatura, anúncios publicitários. Estes anúncios, além de nos ajudarem a compreender como foi possível manter a tabela de preços do periódico apesar de suas melhorias e também nos ajudam a identificar o perfil dos principais grupos leitores d’*O Xuão*: destacadamente, negociantes e profissionais do pequeno comércio e indústria.

O perfil crítico à Monarquia e aos partidos de orientação monárquica que ocupavam as pastas do governo pode ser percebido logo nos primeiros dias do ano de 1909, quando, em sua edição de número quarenta e sete, a folha lançou uma caricatura de autoria de Silva e Souza intitulada “*Escola Pratica de... Adeantamentos*”<sup>1</sup>. A caricatura em si, era uma crítica à maneira como os políticos monarquistas se projetavam à frente ao povo português que, incapaz de acompanhá-los, permanecia fazendo papel de burro. O evento usado pelo caricaturista na sátira para ilustrar tal comportamento fora a posse do novo governo, ocorrida algumas semanas antes e que havia sido resultado de um conluio político entre regeneradores e progressistas.

Na caricatura, o então chefe do governo e ministro dos negócios do reino, Artur de Campos Henriques, foi representado como aluno que, junto a seus outros ministros, tomava lições em uma classe. O mestre era o ex-chefe de governo, José Luciano de Castro, velha raposa política e uma das lideranças do partido progressista português, sendo apontado como principal responsável pela maquinação que levou Campos Henriques ao poder. O que estaria a se ensinar e aprender em tal escola eram “malandrice, falta de vergonha, ronhice e

---

<sup>1</sup> Escola Pratica de... Adeantamentos. *O Xuão*, Lisboa, p. 04, 26 de fev. 1909, Ano 1, n. 47.

adeantamentos”. Sozinho, a frente da turma, de joelhos e usando arreio e orelhas de burro, estava Zé Povinho,<sup>2</sup> tentando ler a Cartilha do Povo.<sup>3</sup>

Mais do que tecer uma crítica ao governo, o que a caricatura de Silva e Souza fez foi tentar mostrar como as maquinações políticas dos monarquistas ocorriam enquanto o povo português, como um burro, permanecia ignorante. À parte do cenário político. Sem ser capaz de realmente compreender os ideias republicanos, os únicos que o permitiram sair desta situação.

Apesar de todo este enredo, construído magistralmente pelo caricaturista por meio de uma série de elementos, o que chama atenção a esta análise é um pequeno detalhe, que corre o risco de passar despercebido aos olhos do leitor, mas que nos oferece um indício de como a questão colonial esteve fortemente atrelada aos debates políticos daquele período: ao fundo, na parede da sala de aula, há um mapa, nele estão representadas a África e todas as outras colônias portuguesas, neste mesmo mapa se lê: “possessões portuguesas, está tudo no prego”.

Ao denunciar os estratagemas do governo monárquico, o caricaturista achou importante que, de alguma forma, o leitor ficasse a par de como isso afetava também as colônias e de como a proposta política dos republicanos estava preocupada em alinhar-se com esta que era uma questão cara ao nacionalismo português: a manutenção do império colonial. Podemos ver assim que, às vésperas da implantação da república, a questão colonial era parte importante das disputas políticas, ganhando espaço inclusive na imprensa satírica.

O imperialismo, todavia, não foi o único elemento deste nacionalismo que adentrou o discurso republicano. Algum tempo depois, o mesmo jornal publicou uma nova caricatura onde, desta vez, a temática central foram as relações entre Portugal e Inglaterra. Publicada na capa da edição de oito de março de 1910, a caricatura, também de autoria de Silva e Souza, “*As últimas relíquias*”,<sup>4</sup> trazia Portugal como um decrepito e frágil velho que só de camisolas

---

<sup>2</sup> Zé Povinho é um personagem criado por Rafael Bordalo Pinheiro, quando este era caricaturista do jornal *Lanterna Mágica*. Zé Povinho é a representação do povo português. Traz consigo traços do campesinato português e ao mesmo tempo que é ignorante e sonolento, é esperto e desconfiado. Senhor de tudo e de nada, ao mesmo tempo, o Zé conteria todas as virtudes e defeitos do povo português. O personagem acabou sendo repetidamente utilizado por outros caricaturistas ao longo do tempo, configurando-se como um patrimônio comum da caricatura portuguesa até os dias atuais (OLIVA, 2013, p. 16-17).

<sup>3</sup> A *Cartilha do Povo* foi um projeto editorial de baixo custo, criada em 1884, por José Falcão, conhecido divulgador das ideias republicanas em Portugal, e tinha a missão de fazer compreender, por meio de linguagem simples e acessível, a maior parte da população – que era analfabeta ou com baixa escolarização – os ideais republicanos. Para isso o autor compôs o texto em forma de um diálogo, que se desenrola entre José Povinho, inculto, mas cheio de vontade de aprender, e João Portugal, personagem letrada.

<sup>4</sup> *As últimas relíquias*. *O Xuão*, Lisboa, p. 01, 08 de mar. 1919, Ano 3, n. 106.

oferecia sua armadura a um rechonchudo John Bull.<sup>5</sup> Como que por contraste, ao contrário do desprovido velho, John ostenta para além de sua enorme pança, um cesto onde trazia a dívida e as colônias portuguesas, peças que provavelmente acumulara em versões anteriores daquela cena.

Ao mesmo tempo em que a sátira provocava os monarquistas fazendo uma troça à fragilidade apresenta pelo estado monárquico português, dando a entender que este nada mais poderia fazer além de entregar tudo à Inglaterra – inclusive as colônias – ela abordava também outro importante tema na cena política daquele período: o antibritanismo.

A corrida pelos territórios africanos iniciada nas últimas décadas do século XIX abalou por diversas vezes, a já não muito equilibrada, relação diplomática entre Inglaterra e Portugal. Isso porque, ambos os países acabaram por desenvolver pretensões coloniais que, em múltiplas ocasiões, entravam em choque. Ao fim de cada uma delas, a soberania inglesa se afirmava, alimentando a malquerença portuguesa.

Apesar das críticas políticas vinculadas pelas caricaturas d'*O Xuão* aparentemente estarem enquadradas dentro de um cenário maior de descontentamento da situação política a coroa parece não tê-las apreciado. Após uma série de ataques políticos e judiciais, em sete de julho de 1910 o jornal chegou a seu fim. Com o termino do regime monárquico, em cinco de outubro daquele mesmo ano, a equipe editorial da extinta folha reapareceu com uma nova proposta, nascendo assim, em primeiro de novembro, *O Zé: sucessor do Jornal O Xuão*.

A equipe editorial do jornal permanecia basicamente a mesma, os preços mantiveram-se assim como o projeto gráfico. Com relação à colaboração artística, Silva e Souza ainda era o principal nome, mas passaram também pelas páginas d'*O Zé* artistas como Stuart Carvalhais, Alexandre Joaquim da Fonseca e Ferreira e Valente. A Monarquia continuou a ser alvo do seu escárnio, sendo agora muito mais ridicularizada do que atacada. Além das investidas à antiga família real, aos principais membros do clero e a nomes da antiga corte, agora o jornal destinava espaço a homenagear os principais dirigentes e heróis republicanos (MESQUITA, 2014).

Os primeiros números obtiveram uma vendagem altíssima, chegando o primeiro a ter três edições. O sucesso foi tamanho que no número seis, o próprio diretor lançou uma nota:

---

<sup>5</sup> John Bull é a personificação nacional do Reino da Grã-Bretanha criada em 1712 por John Arbuthnot. A representação foi popularizada ao longo dos séculos seguintes por impressores britânicos, ilustradores e escritores. Pode por vezes fazer uma alusão apenas a Inglaterra.

“Enfim podemos dizer sem receio de desmentido que, pelo menos, nos últimos tempos não apareceu jornal algum no gênero do nosso que conseguisse obter igual sucesso”, e continuou, “isto nos anima extraordinariamente e para corresponder à simpatia que O Zé Povinho nos dispensa, publicaremos o próximo número a 4 cores e apesar da dupla despesa litográfica o seu preço será o mesmo, 20 réis.<sup>6</sup> Se analisarmos com atenção a fala do editor perceberemos que ela nos fornece indícios para acreditar na existência de um mercado já com certa tradição composto por outros títulos do mesmo gênero e a qual *O Zé* lideraria as vendas. A República começaria, assim, ratificando o sucesso dos jornais satíricos ilustrados.

Coincidentemente, a chegada dos republicanos ao poder foi também o momento de uma redistribuição das forças políticas no cenário internacional (ALEXANDRE, 2004). Se a crítica à administração colonial já não era mais de interesse dos republicanos, afinal, esta tarefa agora se depositava em suas mãos, a Inglaterra, por sua vez, também já não era a única opositora do projeto colonial português. É neste momento que começam então a surgir caricaturas que têm como tema outra questão: as ameaças aos territórios coloniais.

Durante o ano de 1912 a questão veio à tona algumas vezes nas páginas d’*O Zé*. Dar-se-á aqui destaque aqui a três delas onde as colônias portuguesas foram retratadas em eminente perigo. Na última delas, publicada em 13 de novembro e intitulada “*A questão do dia!*”,<sup>7</sup> Silva e Souza, aciona novamente a representação da nação portuguesa como um velho para ilustrar a fragilidade política do país na cena internacional. Na sátira, o ancião carrega as colônias portuguesas – representadas por pequeninas figuras – numa cesta que traz às costas. A cesta, por sua vez, está sendo atacada por uma gigantesca serpente que, enrolada em um canhão e usando o *Pickelhaube* – o capacete imperial alemão –, abocanha a pequenina Angola, removendo-a da posse do velho.

A serpente seria o Império alemão, que desde as últimas décadas do século XIX vinha despontando como um dos principais nomes da política internacional quando o assunto era o colonialismo. Os interesses do império germânico sobre o continente africano e as jogadas políticas orquestradas a este fim logo renderam grandes áreas de influência política e econômica na África Subsaariana. À data da caricatura a Alemanha já contava com quatro colônias em África, sendo que duas delas, o Sudoeste Africano e a África Orienta Alemã, faziam fronteira com as colônias portuguesas de Angola e Moçambique.

---

<sup>6</sup> O ZÉ, 1910, nº6, p.2.

<sup>7</sup> A questão do dia! *O Zé*, Lisboa, p. 04, 16 de mar. 1912, Ano IV, n. 70.

As outras duas caricaturas, também de Silva e Souza, apesar de trazerem representações do império alemão, não concentram nele a figura do inimigo. Na primeira delas, publicada em 26 de março com o título “*Ai! Os bichos...*”,<sup>8</sup> a República portuguesa encontra-se sentada num jardim junto a uma representação masculina da Gra-Bretanha que veste a farda das tropas coloniais do exército britânico. Ao redor do casal correm e brincam dez crianças – Macau, Índia, Timor, Angola, Moçambique, São Thomé, Guiné, Cabo Verde, além de Açores e Madeira –: as colônias e possessões portuguesas. Enquanto o casal se enamora, do outro lado da cerca feras espreitam perigosamente aguardando um momento para atacar. As feras são identificadas como sendo a Espanha, na forma de um leão; Estados Unidos, um elefante; Alemanha, como leopardo e a Holanda, na pele de um lobo. A legenda: “O namoro não é mau, lá isso não, mas se o caçador se descuida os escarumbas<sup>9</sup> são comidos”, faz alusão ao reconhecimento inglês com relação aos territórios coloniais portugueses e a uma pretensa, porém frágil, segurança que isso traria a Portugal. Como deixa claro o caricaturista, qualquer vacilo nesta relação deixaria a prole entregue às feras.

A ameaça externa e a instabilidade política interna foram também, por sua vez, o tema de outra caricatura publicada pelo *O Zé* algumas semanas antes naquele mesmo mês. “*A actual situação*”<sup>10</sup> tinha como pano de fundo uma gigantesca maçã constituída pelo povo e pelos políticos republicanos que engalfinhados formavam um mar de balburdia. À parte, membros e simpatizantes da antiga Monarquia juntavam-se ao clero em um brinde, todos ao redor de uma suntuosa mesa de jantar. Ao passo que a cena se desenrola, gigantescas aves negras, algumas delas antropozoomorfizadas, roubam as colônias, sem que ninguém disto se desse conta. Uma das aves, com a cabeça do imperador alemão Guilherme II, capturava Angola, enquanto outra, com a cabeça do rei inglês Jorge V, levava em suas garras a Índia, São Tomé e Moçambique. Madeira era carregada por uma ave com a cabeça do “Tio Sam”, enquanto as demais colônias portuguesas, Timor, Macau, Guiné, Cabo Verde e as possessões Açores e Madeira já voam ao longe nas garras das demais aves, ou eram rendidas no meio do confuso cenário. Em primeiro plano, como espectadores da cena, está a República portuguesa

---

<sup>8</sup> *Ai! Os bichos...* *O Zé*, Lisboa, p. 04, 26 de mar. 1912, Ano IV, n. 72.

<sup>9</sup> Pessoa de pele negra.

<sup>10</sup> *A actual situação*. *O Zé*, Lisboa, p. 04, 12 de mar. 1912, Ano IV, n. 70.



acompanhada de Zé Povinho que lhe diz: “Vê-te neste espelho, minha filha. Os corvos perseguem-nos, os paivantes <sup>11</sup> bebem a saúde, os republicanos jogam o soco, e nós?...”.

Mais do que fazer alusão aos interesses coloniais de seus vizinhos europeus e da potência americana, esta caricatura traz algo de novo: as primeiras críticas à instabilidade política pela qual o regime republicano vinha passando desde sua instauração. Apesar d’*O Zé* ser uma folha republicana e Silva e Souza um declarado defensor desta causa, o caricaturista não se absteve da crítica. Para ele, não são mais apenas os monarquistas que colocaram as pretensões coloniais portuguesas em perigo, a incapacidade do governo de se organizar e de criar uma administração eficiente também estava a por tais planos a mercê dos inimigos.

Se atentarmos para a data da caricatura, perceberemos também que não tardou para os periódicos republicanos tornarem-se autocríticos com relação a sua administração colonial. Na verdade, segundo a amostra analisada, isso ocorreu apenas dois anos após o início do regime. De forma geral, instabilidade foi a melhor adjetivação aos anos da Primeira República. Mergulhada em uma série de revoltas populares, conflitos e golpes políticos, crises econômicas, entre outros contratemplos, os fundamentos do novo regime começaram a ruir já em seu início. Isso porque, o discurso, quase messiânico, adotado pelos republicanos nos tempos da propaganda política, com a responsabilidade da prática governamental, acabou sendo severamente alterado e em alguns pontos até mesmo abandonado. (NAVARRO, 2010; MARQUES, 2000). E foi em meio a esta conjuntura que na cena editorial portuguesa começaram a surgir os primeiros jornais satíricos ilustrados de orientação monarquista e destinados, sobretudo, à crítica republicana. O principal deles foi *O Thalassa*.

*O Thalassa – Semanário humorístico e de caricaturas* teve seu primeiro número publicado em seis de março de 1913. Seus proprietários eram Jorge Colaço, Severim de Azevedo (Chrispim) e Alfredo Lamas, sendo o primeiro o seu colaborador artístico, o segundo o colaborador literário e o terceiro diretor e gerente. Além das caricaturas de Colaço, o periódico contou também com a colaboração do caricaturista Alonso, pseudônimo de Joaquim Guilherme Santos Silva. O jornal tinha sede em Lisboa e no que tocava aos preços, um número avulso seu custava 20 réis, valor duas vezes mais caro do que aquele que se pagava por um jornal noticioso. Uma assinatura anual, em Lisboa, saía pelo preço de 1\$050 réis, enquanto que por seis e três meses em 600 e 300 réis, respectivamente. Tal preço recebia

---

<sup>11</sup> Paivantes eram os adeptos ou simpatizantes do movimento realista Monarquia do Norte, que tinha como nome central o de Henrique Mitchell de Paiva Couceiro, administrador colonial e político português.

um pequeno aumento quando se tratava do resto do país, das ilhas e tornava-se mais oneroso quando o destino eram as colônias.

O termo *thalassa* era na época uma forma pejorativa de referirem-se a todos aqueles simpáticos à Monarquia ou adversos à forma republicana de governo. Lançar um jornal cujo nome fosse este, em uma cidade fortemente republicana como Lisboa foi um ato de coragem, mas também um reflexo da existência de uma considerável oposição ao governo vigente. Pode ter sido este segundo, o motivo da alta vendagem da publicação em suas primeiras edições e a sua duração ao longo de quase três anos.

Antirrepublicano, defensor do clero e declaradamente monarquista, *O Thalassa* foi “um das críticas gráficas humorísticas mais mordazes feitas aos políticos republicanos” (MATOS, 2014, p.03). Além de opor-se ao governo de modo geral, *O Thalassa* se declarava também um crítico dos periódicos satíricos ilustrados de orientação republicana e da falta de caráter de alguns de seus caricaturistas. O objetivo principal do semanário era funcionar “como uma espécie de repórter gráfico dos acontecimentos políticos, culturais, sociais e mesmo econômicos mais relevantes que se verificaram no início conturbado da República” (MATOS, 2014, p.06). E foi com este intuito que já para o segundo número, Jorge Colaço preparou uma caricatura denunciando o mal que a República teria causado a Portugal.

Em “*O ciclone demagógico tudo derruba*”<sup>12</sup> Angola e Moçambique, na forma de duas raquíticas crianças indígenas, empoleiravam-se apavoradas sobre um mastro. Fugiam da Demagogia<sup>13</sup> que, tinha a seus pés os escombros daquilo que fora a coroa, a igreja, a lei e a história portuguesa. A macambúzia representação, segurando um machado, fumava enquanto espreitava os pequeninos que se queixam: “com outra picaretada estamos no chão”. Ao fundo da cena, que tinha como cenário uma praia, naufragava uma caravela portuguesa, hasteada com a bandeira da Ordem de Cristo. Do naufrágio, fantasmas da outrora grande nação portuguesa, descobridora dos novos mundos, fugiam.

É genial a forma como o caricaturista é capaz de reunir em uma única cena as principais pautas que compõem o discurso monarquista daquele período. Os republicanos teriam

---

<sup>12</sup> O cyclone demagogico tudo derruba. *O Thalassa*. Lisboa, p. 04, 12 de mar. 1913. Ano I. n. 02.

<sup>13</sup> A Demagogia é uma alegoria criada por Jorge Colaço para representar a República portuguesa. Ao contrário da alegoria republicana que é uma bela e jovem mulher, a representação de Colaço baseia-se numa rotunda e peluda figura feminina, vestida tipicamente e ausente de traços de feminilidade.

devastado aquilo que fora mais importante para nação portuguesa e agora, os últimos tesouros, as colônias, estariam ao passo de sucumbir à destruição da demagógica República.

Destruição é, aliás, o tema de outra caricatura d'*O Thalassa*. Em "*O poder de Simoun*",<sup>14</sup> a pátria, agora representada por uma frondosa oliveira, é duramente castigada pelas rajadas de vento sopradas da boca de uma besta alada – que seria o então chefe do governo Afonso Augusto da Costa. Sobre a força de tal *simoun*<sup>15</sup> a árvore da pátria vai ao poucos se desprendendo do muro de rochas – formado pela igreja e pela Monarquia – no qual nasceu e cresceu e a qual só se encontra presa por meio de algumas correntes – as *tradições*. Levados pelo vento vão também seus tesouros, seus frutos, entre os quais se pode perceber as colônias africanas e Macau.<sup>16</sup>

As polêmicas questões política envolvendo as colônias não foram, contudo, o único fator que influenciaram a ascensão da imprensa de oposição. Em 1914 o governo português assinou a lei de anistia, promulgada por Bernardino Machado, o que permitiu o regresso de um grande número de exilados e emigrantes que haviam deixado o país após o fim do antigo regime. Tal regresso, além de permitir uma reorganização dos grupos políticos monarquistas, garantiu também que um grande número de jornais e semanários fechados em 1910 voltassem à ativa, além da criação de novos títulos. O regresso desta comunidade, sua reorganização em diferentes grupos políticos de orientação monárquica e a crise vivida pela república parecem ter sido uma combinação perfeita. Assim como os republicanos fizeram anos antes, os thalassas passaram a fazer da imprensa ilustrada a tribuna de suas denúncias. Expondo uma administração que, para eles, entre tantas outras coisas, estaria colocando o império português em risco. Se durante os últimos anos da Monarquia e os primeiros da República o tema colonial aparece exclusivamente nas caricaturas dos periódicos republicanos, a partir de 1913, ocorre uma verdadeira reviravolta. O número de caricaturas publicadas por jornais monarquistas, no caso desta amostra principalmente *O Thalassa*, cresceu exponencialmente, se tornando quase três vezes maior. Simultaneamente, a questão passou a ser cada vez menos abordada pelos republicanos.

<sup>14</sup> O poder de "simoun". *O Thalassa*, Lisboa, p. 04, 04 de jun. 1913. Ano I, n. 18.

<sup>15</sup> Simoun é um forte vento quente e seco que sopra na região do Sahara e Oriente Médio e que carrega pó e areia.

<sup>16</sup> Outras derivações da metáfora da avidez da República demagógica foram progressivamente publicadas ao longo dos números d'*O Thalassa*: Descarrilando. *O Thalassa*, Lisboa, p. 04, 06 de mar. 1914. Ano II, n. 50; Por água abaixo. *O Thalassa*, Lisboa, p. 06, 15 de mai. 1914. Ano II, n. 60; No charco. *O Thalassa*, Lisboa, p. 04, 23 de abr. 1915, Ano III, n. 97.

Como dito a pouco, 1914 viu também surgir outros periódicos monarquistas que, junto d'*O Thalassa*, fizeram das discussões acerca da política colonial tema para suas caricaturas. O *Papagaio Real... Semanário Monarchico - Política, Caricatura e Humorismo* foi um exemplo destes. Periódico monarquista, fortemente relacionado ao grupo político Questão Monarquista, foi publicado em Lisboa durante o ano de 1914, durando um pouco mais de quatro meses e publicando apenas 20 números (CORREIA, 2014). Em suas páginas foram encontradas duas caricaturas relacionadas à questão colonial.

Em “*O fado da menina Angola*”<sup>17</sup> Gastão de Lyz, em uma releitura da obra *O fado* de José Malhoa, faz de Angola uma mulher negra, de formas sinuosas e provocativas que, sentada de pernas abertas e com o braço apoiado sobre uma mesa, fuma um cigarro enquanto admira um homem, identificado como a Alemanha, que com sua guitarra portuguesa tocava um fado em sua homenagem. A mulher parece estar extasiada com a melodia. Em um trecho a letra diz: “eu sou fonte de riqueza, causei pasmo, admiração. Se outrora tive beleza, tenho apenas podridão”. Tanto o título da caricatura de Lyz quanto sua legenda: “de porta aberta”, fazem uma dupla analogia, ao comportamento de Angola e ao decreto aprovado naquele mesmo ano.

Outros temas relacionados à questão colonial foram ainda parar nas caricaturas dos monarquistas. Uma série de decisões políticas tomadas pelo governo republicano naquele ano e que, aparentemente, posicionavam Portugal em constante posição de subalternidade frente aos interesses estrangeiros parecem ter gerado novas ondas de descontentamento, principalmente da oposição. Assim, caricaturas que faziam menção principalmente a assuntos relacionados à Ambaca, São Tomé e Macau,<sup>18</sup> se juntaram a outras que denunciavam o caos que a República estava a se tornar.

Ainda em 1914, a Inglaterra declarou guerra à Alemanha dando início a I Guerra Mundial que se estendeu até 1918. Portugal acabou posicionando-se como aliado à Inglaterra e a *Tríplice Entente*, num discurso que ia desde a manutenção do território colonial português, ameaçado pelos interesses alemães, passando pela necessidade de firmar prestígio e influência no cenário político e diplomático europeu, até o compromisso com a antiga aliança firmada

---

<sup>17</sup> O fado da menina Angola. *Papagaio Real*, Lisboa, p. 09, 28 de abr. 1914. Ano I, n. 04.

<sup>18</sup> Pela minha “gaja”. *O Thalassa*, Lisboa, p. 06, 25 de jun. 1914. Ano II, n. 66; Com o gato de nove rabos. *O Thalassa*, Lisboa, p. 04, 09 de jul. 1914. Ano II, n. 68.

entre Portugal e a coroa britânica. O tema da guerra viria a se juntar ao da questão colonial, tornando-se pauta também das críticas dos caricaturistas.<sup>19</sup>

Se o país já não andava por meio dos mais firmes passos desde o início do jovem regime, o cenário da guerra tornou a situação ainda pior. Uma crise econômica rapidamente se instalou pelo país, atingindo também o setor da imprensa. Uma grave crise financeira se instalou em Portugal a seguir a guerra provocando um acentuado aumento nos custos do papel e da impressão, dificultando a sobrevivência dos periódicos ilustrados e diminuindo o volume das imagens alusivas às colônias portuguesas difundidas nas revistas ilustradas durante os anos da I República (MARTINS, 2014). Fazendo com que, a partir de meados de 1915, fosse cada vez menor o volume das publicações que conseguiram manter-se em circulação. Além do mais, para os poucos periódicos que permaneceram durante aquele período, o tema da guerra acabou sendo a principal pauta. Este é o momento do fechamento de muitos jornais e revistas, e é assim que *O Thalassa* acabou por encerrar suas publicações em 14 de maio de 1915, após um total de 100 números mais quatro edições especiais. O *Zé*, por sua vez, publicou seu último exemplar, o de número 209, um mês antes, em seis de abril de 1915. É somente com uma caricatura de 1917, publicada em *O Século Cômico*, que a questão colonial volta a nossa análise.

*O Século Cômico: Suplemento Humorístico de O Século*, como o próprio nome diz, era um caderno do já antigo e renomado jornal *O Século*. Foi criado em 1913, como alternativa ao fim de outro caderno, *O Século: Suplemento Ilustrado* (1898-1902; 1910-1912). Seu proprietário e diretor eram, respectivamente, J. da Silva Graça e Acácio de Paiva. Como editor atuava Alexandre Ramos Certã. Era uma publicação de quatro páginas em duas cores e contava com a colaboração de diversos caricaturistas da época. A partir de 1916 o caderno passou a ser publicado junto à outra revista do grupo, a *Ilustração Portuguesa*. *O Século Cômico*, diferentemente dos periódicos apresentados aqui que circularam antes da guerra, tinha por objetivo cultivar uma graça menos politizada, muito mais voltada à distração do que a questões políticas desagradáveis. Pensar nesta nova proposta talvez ajude a entender o baixo número de caricaturas que abordaram as questões colônias nos periódicos pesquisados entre os anos do pós-guerra até o término da república. O acervo da Hemeroteca Municipal de

---

<sup>19</sup> Assembleia geral da pancadaria. *O Thalassa*, Lisboa, p. 04, 13 de ago. 1914. Ano II, n. 73; A grande guerra. *O Zé*, Lisboa, p. 07, 26 de out. 1915. Ano, VII, n. 238.

Lisboa, infelizmente, conta somente com os exemplares lançados a partir de 1916, o que impediu que a amostra aqui analisada contemplasse todo o seu período de existência.

A primeira caricatura encontrada em *O Século Cômico* acerca da questão colonial foi “*Porque que vamos a guerra*”,<sup>20</sup> publicada em 1917, ainda em clima de combate, e onde Portugal é representado como uma galinha que obstinadamente defende sua prole, as colônias, do ataque de uma negra águia coroada, a Alemanha. Na legenda, a “mãe” questiona retoricamente: “porque luto com a ave de rapina”, respondendo logo em seguida: “para proteger os meus filhos”.

Metáfora muito semelhante é a que fora construída dois anos depois. Em “*Evocando Camões*”, publicada em 23 de junho de 1919, e assinada por Rocha Vieira. Nela Portugal é um austero cavaleiro que vestido em sua armadura defende duas crianças africanas do ataque de um bando de aves de rapina. As crianças, Angola e Moçambique, se prendem apavoradas as pernas de seu protetor. A legenda evoca um trecho dos lusíadas: “Acode e corre, pai, que se não corres talvez que não encontres quem socorres”.

Dentre as caricaturas analisadas nesta pesquisa, nenhuma delas foi publicada a partir da segunda metade de 1915 ou durante o ano de 1916. Aparentemente, os periódicos satíricos que subsidiaram esta amostra não vincularam durante este período caricaturas referentes ao tema colonial ou reduziram drasticamente tal publicação.

Tendo em vista a não totalidade que o acervo analisado apresenta acerca das publicações da época, é bem possível que algo tenha escapado. Apesar da amostra aqui construída não refletir fielmente o movimento de publicação das caricaturas com temática colonial durante a Primeira República, ela pode nos ajudar a vislumbrar a forma pela qual o debate político daquele período voltou sua atenção a este tema. As caricaturas encontradas também não se distribuem ao longo do período analisado de forma homogênea. A amostra concentra-se, sobre tudo, entre os anos de 1912 e 1915. Se a partir de 1909 o movimento que se percebe é de ascensão, após a guerra o número das caricaturas é menor. Outro fator, é de que a amostra aqui construída, não é capaz de cobrir todo o período republicano, uma vez que a última caricatura encontrada data de 1921, quatro anos antes do início do Estado Novo.

Com relação às colônias que foram tema destas caricaturas, Angola foi a principal delas. Das 52 caricaturas encontradas Angola esteve presente em 26, quase a metade do volume da

---

<sup>20</sup> Porque vamos para a guerra. *O Século Cômico*, Lisboa, p. 01, 15 de jan. 1917, Ano XX, n. 1001.

amostra. É possível que tal número esteja associada a importância do território angolano ao sistema colonial português daquele período, mas, certamente, é também reflexo das conturbadas situações políticas que se desenvolveram durante a Primeira República envolvendo Portugal, Inglaterra e Alemanha e que tinha como tema central a soberania daquela região. O segundo lugar é dividido entre Moçambique e São Tomé, cada uma somando 14 aparições. Em terceiro lugar vem Macau.

Outro fator a se destacar é que apesar das caricaturas que compõem a amostra até 1912 serem exclusivamente de periódicos republicanos, e de estes somarem três dos cinco títulos que a subsidiam, foram, todavia, os jornais monarquistas os principais interlocutores da questão colonial. Quando analisada em sua totalidade, a amostra revela que o colonialismo teve muito mais espaço nos jornais deste segundo grupo. Das 52 caricaturas encontradas, mais da metade delas, foram publicadas em jornais de oposição. *O Thalassa* foi o que mais caricaturas forneceu, acumulando um total de 59% da amostra, seguido pelo *O Zé*, com 28%, *O Século Cômico* com 5% e, por fim, ambos com 4% estão o *Papagaio Real* e *O Xuão*.

### *Considerações finais*

Ao longo desta análise tentou-se demonstrar o espaço que a questão colonial ocupou na imprensa satírica ilustrada da Primeira República Portuguesa. Fez-se isso no intuito de ilustrar como as imagens produzidas por este setor da imprensa, dá-se destaque aí as caricaturas, apresentam-se como potenciais fontes para o estudo das relações coloniais construídas naquele período entre Portugal e os territórios africanos.

De certa forma, o que se percebeu foi que a questão colonial fez-se ponto-chave da vida política portuguesa, mobilizando diversos setores da sociedade, inclusive a imprensa que, desde o final do século XIX, assumiu um papel de produtora e difusora de imagens sobre a África portuguesa. A influência que esta prática exerceu sobre a formação de uma opinião pública que se pretendia mobilizada na defesa dos interesses coloniais portugueses é, por ventura, inegável. Além disso, a frequente e numerosa presença de imagens sobre a África e seus habitantes nos periódicos portugueses parece ter contribuído para a produção de elementos que viabilizavam a construção de um imaginário acerca regiões africanas sobre influência ou soberania nacional.

### *Referências*

ALEXANDRE, Valentim. *O império Português (1825-1890): ideologia e economia*. Análise Social, Lisboa, v. 38, n. 169. P. 959-979, 2004.

\_\_\_\_\_. Portugal em África (1825-1974): uma perspectiva global. *Penélope: Fazer e desfazer História*, Lisboa, n. 11, p. 55-66, 1993.

CORREA, Sílvio M. de S. Caricaturas da África: a Partilha da África pela imprensa ilustrada de Lisboa. *Outros Tempos*, São Luis, vol. 13, n. 22. P. 192 - 207. 2016.

CORREIA, Rita. Ficha histórica de Papagaio Real. Hemeroteca Municipal de Lisboa. Lisboa, 2014. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/PapagaioReal.pdf>. Acessado em 16 de junho de 2016.

MARQUES, A. H. de O. Da Monarquia para República. In.: \_\_\_\_\_ TANGARRINHA, José (Org.). *História de Portugal*. São Paulo: Edusc, 2000.

MARTINS, Leonor Pires. *O Império de Papel: imagens do colonialismo português na imprensa periódica ilustrada (1875-1940)*. Lisboa: Edições 70, 2014.

MATOS, Álvaro C. de. Ficha histórica de O Thalassa. Hemeroteca Municipal de Lisboa. Lisboa, 2014. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/OThalassa.pdf>. Acessado em 16 de junho de 2016.

\_\_\_\_\_. Ficha histórica de O Xuão. Hemeroteca Municipal de Lisboa. Lisboa, 2013. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/OXuao.pdf>. Acessado em 16 de junho de 2016.

MENESES, Ulpiano T. B. de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MESQUITA, Pedro T. *Ficha histórica de O Zé*. Hemeroteca Municipal de Lisboa. Lisboa, 2014. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/OZe.pdf>. Acessado em 16 de junho de 2016.

NAVARRO, Bruno J. *Governo de Pimenta de Castro: um general no labirinto da I República*. 2010. 281 p. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) – Universidade de Lisboa. Lisboa, 2010.

SCHVEITZER, A. C. “Saudações das nossas colônias”: o cartão postal como fonte para os estudos de colonialismo em África. In.: \_\_\_\_\_ De Paula, Simoni M.; CORREA, Sílvio M. de S. (Orgs.). *Nossa África: ensino e pesquisa*. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 168-181.

STEINMETZ, George, HELL Julia. The colonial visual archive: Germany and Namibia. *Public Culture*, Duke, v. 18, n.1, p.147-184, 2006.

ZAUGG, R. Entre europeização e africanização. A construção visual de Cabo Verde nos postais do período colonial. *Revista de Estudos Caboverdianos*, Cabo Verde, n. 4, p. 167-193, 2012.





WHEELER, Douglas L. *A Primeira República portuguesa e a história*. *Análise Social*, Lisboa, v. 14, n. 56, p. 865-872, 1978.